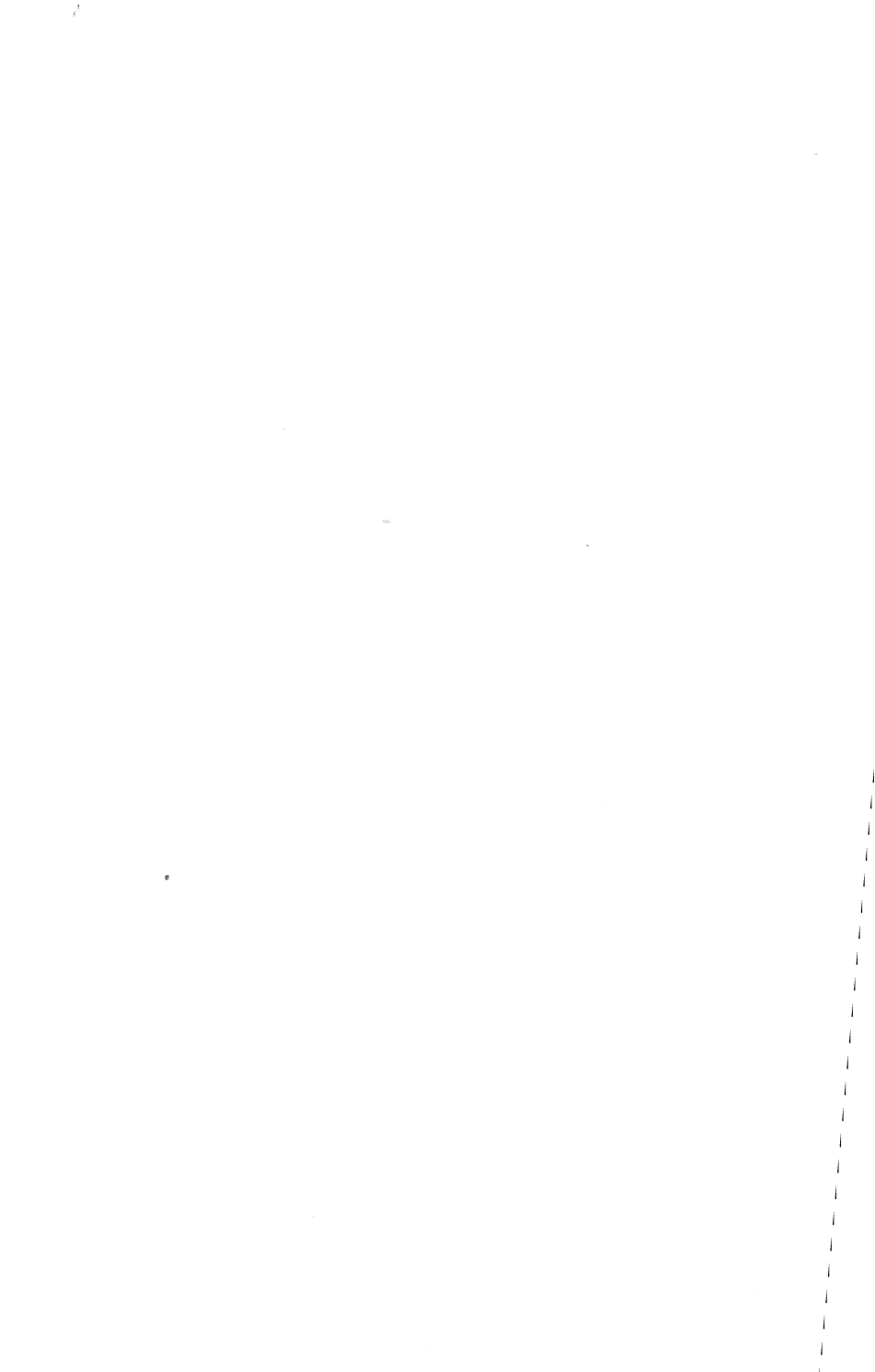


O Movimento no Brasil



Em Duas Palavras...

O QUE esta publicação *não* pretende ser, Leitor, eis o que queremos dizer-lhe em duas palavras. Ela não pretende ser uma lenda de heróis, como infelizmente nós, os homens do kibutz, somos constantemente apresentados pela má propaganda que ao nosso redor se faz. Não. Esta é uma história de homens, homens como você e quaisquer outros, com suas qualidades e seus defeitos, seus erros e seus acertos, sempre homens.

“Ah, mas vocês são idealistas!” — Olhe, não é verdade, não somos idealistas. Pelo menos, não o somos neste sentido de herói de filme technicolor, sentimo-nos mesmo bem constrangidos em semelhante papel. Nosso idealismo é um idealismo muito humano — somos idealistas exatamente como você o é. E se o convenceram que passamos as 24 horas do dia tocando tambores, proclamando grandes frases e aspirações, desconvença-se, não passamos; passamos o dia trabalhando, exatamente como você, e tocamos tambores exatamente o mesmo número de vezes por ano que você os toca.

El olhe, sejamos realistas, nesta história de idealismo, há coisas que fazem desconfiar: temos a impressão de que êste tem sido o rótulo fácil que nos colocam como medida higiênica de isolamento. Nos venenos não se escreve “Cuidado-Veneno-Não toque”? Pois no *chaltz*, no homem do kibutz, coloca-se uma tabuleta semelhante: “Ah, é um idealista! Deixou tudo e foi para um kibutz! É uma coisa rara! Há tão poucos, infelizmente, capazes de ser assim! Eu, por exemplo, não sou. Mas admiro êles muito, admiro mesmo...”

Leitor, isto é hipocrisia. O que foi o “tudo” que abandonamos? Pensa você que ficamos uma grama menos ambiciosos? Ao contrário, ficamos dez vezes mais do que éramos. Se abandonamos uma vida para seguir outra, foi exatamente porque éramos ambiciosos. Tôda nossa aspiração, o kibutz, ela é desmedidamente ambiciosa — queremos alcançar mundos e céus — no terreno econômico, no social, no educativo, em todo terreno, enfim, que alimente ambições o homem.

Colocamo-lhe nas mãos nosso livreto. Nem o desejo de fazer autobiografia nos impeliu a escrevê-lo—longe está ainda o tempo da autobiografia — nem é um trabalho de propaganda, está-se um tanto desiludido já de propaganda, em nossos dias. Quisemos simplesmente bosquejar a história de um grupo de jovens que um dia resolveu seguir um caminho diferente, que lhes parecia mais certo e mais rico. Isto já faz alguns anos, e muitas das aspirações destes jovens passaram já à categoria de experiências.

Esta história, queremos que você a conheça; o passado, para que você compreenda como viemos, o presente, para que você veja ao que chegamos, o futuro, para apresentar, através da projeção, o quadro completo da vida que nos traçamos.

Queremos que você conheça nossas experiências, sucessos ou fracassos. E se somos homens como você, Leitor, homens que trabalham, homens que sonham, queremos que você reflita se nosso caminho não poderá ser o seu também. Esta é a finalidade dêste livreto. Não visa fazer propaganda, visa apenas deixar uma pergunta: “Não será êste caminho também o seu?”

Quer seja você companheiro do movimento, quer apenas simpatizante de fora, desejamos nós, homens de Bror Chail, aproximar-nos de você, e aproximá-lo de nosso caminho. Sirva êste trabalho de estímulo ao companheiro e convite ao simpatizante, e para ambos, material de informação e reflexão. E assim o saudamos, companheiro ou simpatizante.